



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

SETE LAGOAS, MG, 10 DE NOVEMBRO DE 2000

Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhor ex-Governador de Minas Gerais, Doutor Eduardo Azeredo; Senhor Henrique Hargreaves, chefe da Casa Civil do Governo de Minas Gerais; Senhores Senadores – tenho a honra de, sempre que venho a Minas, ser acompanhado pelos Senadores que, mais uma vez, estão aqui presentes para honrar a terra de todos nós, que é Minas –; Senhores Deputados Federais; Senhores Deputados Estaduais; Senhores Vereadores; Senhor Presidente da Fiat, nosso ítalo-brasileiro Paolo Cantarella; Senhor Presidente da Fiat do Brasil, Roberto Vedovato; Senhores altos dirigentes da Fiat; Senhor Prefeito de Sete Lagoas, Marcelo Vasconcelos; numerosos prefeitos que se encontram aqui; Senhor General Comandante da Região; Senhores Diretores e Funcionários da Fiat; Senhoras e Senhores,

Antes de entrar nesta sala, acompanhado por todos que aqui estão nesta mesa e alguns outros que estão sentados mais comodamente – porque fora do foco e do calor dessas luzes – tive a oportunidade de passar, caminhar pelas linhas de montagem da fábrica e de cumprimentar muitos dos funcionários que ali estavam. Por certo, como

qualquer pessoa sensível, ao olhar essas máquinas, me impressiono. Ao ver esta fábrica, que mais parece um laboratório ou uma escola, me impressiono.

Mas o que mais me impressionou – e o Doutor Cantarella já mencionou aqui – foi que, ao cumprimentar dezenas de trabalhadores, perguntei a alguns a idade que tinham, a outros, onde haviam nascido. Gente jovem, bem jovem. Um me disse que tem 19 anos. Outro, 21. Outro, 23. Alguns eram um pouquinho mais velhos. Todos tinham menos da metade da minha idade. E, praticamente, todos nasceram por aqui, por Sete Lagoas. De repente, vi um de cabelo louro e perguntei: “Você será do Sul?” “Não. Sou de Sete Lagoas.”

Isso é que me deu um entusiasmo e um calor especial, porque não se trata só – e já é muito – de uma fábrica com as características de modernidade que esta aqui tem. Não se trata só – e já é muito – de uma indústria como a Fiat, à qual, agora, se acrescenta a Iveco, que está enraizada em Minas, que tem aqui já uma implantação que a torna nossa. Trata-se, muito mais, do futuro que está nas mãos desses trabalhadores e desses funcionários, que são jovens e que estão aprendendo a acreditar em um novo Brasil. Um Brasil sem inflação, um Brasil sem medo, sem medo de investimento externo. Já o disse o Secretário Hargreaves: “Que venham mais”. Falou por mim. Que venham mais. É o que tenho pregado sempre, à condição de que venham para se enraizar, à condição de que, com a sua presença, outros capitais nossos, brasileiros, cresçam também e que se faça uma força imensa neste país para que ele possa atender aos seus filhos e ao seu destino, que não é um destino de glórias e grandezas vãs. Tem que ser um destino de decência, de empregos, de educação, de saúde, de famílias que terão orgulho de saber que vivem em uma Pátria que é de paz e que quer viver em paz com seus vizinhos.

É isso o que significa a implantação de mais uma fábrica. Aqui foi mencionado e é verdade: a expansão do setor automobilístico do Brasil tem sido extraordinária. Quando assumi a Presidência da República, Senhores Ministros, Senhores aqui presentes, havia, aqui em Minas, a Fiat. Tínhamos, em São Paulo, algumas fábricas

da Ford, da Volkswagen. Não vou citar todos os competidores, mas eram alguns. Hoje, em Minas, temos a Mercedes, temos a Iveco, temos a Fiat aumentando, se espalhando. Temos mais fábricas de automóveis em Minas.

Da mesma maneira, em São Paulo. Mas o Rio de Janeiro é um pólo automobilístico, lá em Resende, em Porto Real, automobilístico também. Se se vai ao Paraná, é outro pólo. E, se se vai ao Rio Grande do Sul, como fui agora, como fui ao Paraná, como fui ao Rio – isso em um curtíssimo período de seis anos – temos mais fábricas. E a fábrica de automóveis induz a outras. Agora, se chamam – é até um neologismo – os sistemistas. Antigamente, se falava, em inglês, *just in time*. Agora, são os sistemistas que vêm, que se acrescentam à fábrica-mãe e que produzem, em cadeia, mais postos de trabalho, mais riqueza, mais capacidade para este Brasil.

É isso que me dá satisfação. A despeito de tudo, das incompreensões muitas vezes. Muitas vezes da compreensível vontade que tem o povo de que tudo venha mais depressa. E nem sempre é possível. A despeito disso, estamos marchando, estamos caminhando. E estamos caminhando dentro de um espírito democrático, de um espírito de ordem democrática, com eleições. Não gosto nem de falar disso agora, porque o exemplo do vizinho mais poderoso e mais próximo mostrou que nem lá foram capazes de apurar tão depressa os votos como nós aqui. Estamos avançando.

Somos 100 milhões de eleitores que votam. No dia seguinte, depois do voto, não há ninguém fazendo demandas como havia no passado, porque a transparência é total. Não há violência e não há perseguições políticas de minha parte, em nenhum segmento do Brasil. Pelo contrário, sinto cada parcela do Brasil como parte minha, porque parte do Brasil representa o povo do Brasil. Portanto, sou responsável por cada pedacinho deste território, seja governado por quem quer que seja, de qual partido seja, da oposição ou do Governo, ou indiferente. A mim não importa. A mim só importa uma coisa: saber se, com o nosso esforço, nosso e de todos nós, do que vem de fora para investir aqui, dos nossos engenheiros, dos nossos técnicos, dos Governadores,

dos Prefeitos, do nosso Congresso, de todos nós, o que está acontecendo é que está havendo uma nova geração de brasileiros que vai poder olhar com mais confiança o futuro e que vai poder ter mais orgulho de ser brasileiro.

É isso que nós estamos fazendo neste país. É isso que nós sentimos aqui, neste pólo de Minas Gerais. E venho todas as vezes que posso a Minas Gerais. Todas as vezes que posso. Até quando posso descansar, venho descansar em Minas, mesmo quando é um pouquinho perturbado o meu descanso aqui. Mas venho a Minas, porque aqui tenho raízes minhas. Minas é minha terra, porque é terra do Brasil. É a nossa terra. É a terra da Fiat. É terra de gente que trabalha. É terra de gente boa, calorosa, de gente honesta, gente decente, gente que quer o progresso.

É, portanto, realmente, para o Presidente do Brasil, uma grande satisfação estar aqui, hoje, podendo ver esse ambiente, ver essa confiança materializada neste investimento da Fiat e Iveco. E mais ainda: é a primeira vez que as duas empresas se casam, trabalham juntas. Dão um exemplo a nós. É preciso que trabalhemos juntos também. O trabalho junto avança muito mais do que o trabalho isolado. A competição é necessária. Mas, em certos momentos, como aqui, eles perceberam que haveria vantagens comparativas trabalhando juntos. Junta-ram-se. Para o bem deles? Certamente. Mas também para o bem de todos nós, se der certo, como vai dar, o empreendimento.

Gostei muito das palavras do Doutor Cantarelli, quando disse que confia e tem certeza que a aposta foi boa. E disse uma verdade: continuou apostando, em momentos de dificuldades no Brasil, porque entendeu que as dificuldades são passageiras. Os países, quando têm um grande povo e quando encontram o seu rumo, o seu destino, sobrepassam as dificuldades eventuais e transformam, no dia seguinte, o que foi tempestade em bonança, sem ilusões de que a bonança seja eterna. Mas sabe-se também que, quanto mais se avança na bonança, a nova tempestade, que eventualmente possa ocorrer, será ultrapassada com mais facilidade porque se plantou mais, se fincaram mais estacas na construção de uma Nação.

Venho aqui, portanto, como Presidente, para dizer aos mineiros que Minas está de parabéns, para dizer àqueles que aqui trabalham e aos que aqui empreenderam que valeu a pena o esforço que fizeram.

E também não queria deixar – não quero cansá-los – de dizer uma palavra. Houve um grande brasileiro nascido em Minas, um grande Presidente que foi Governador de Minas: Juscelino Kubitschek de Oliveira, que disse uma vez uma frase que marcou a todos nós: “Deus não me deu o sentimento do medo”.

Eu, mais humildemente, longe de Juscelino, mas pedindo que Deus dê a mim também uma inspiração e a fé para que eu possa continuar avançando, posso terminar dizendo, pelo menos pretendendo: que Deus não me deu o sentimento do ressentimento, Deus não fez de mim alguém que tem mágoas, Deus fez de mim alguém que só quer uma coisa: estender as mãos a todos aqueles que estão dispostos a estender as mãos pelo Brasil.